

**ANTROPONÍMIA COMPARADA: UM ESTUDO SOBRE OS NOMES  
INOVADORES NA ANTROPONÍMIA DA ESPANHA E DO BRASIL**

**COMPARATIVE ANTHROPONYMY: A STUDY ON INNOVATIVE NAMES IN  
SPANISH AND BRAZILIAN ANTHROPONYMY**

Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide  
Universidade do Oeste do Paraná  
marciaseda4@hotmail.com

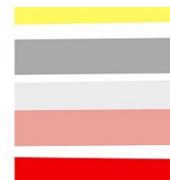
Profa. Ma. Patrícia Helena Frai  
Universidade do Oeste do Paraná  
patriciafrai@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal apresentar os resultados de um estudo comparativo do comportamento dos nomes, verificando se um conjunto de antropônimos adotados por modismos e avaliados como “novos” na Espanha, em 2016, também são adotados por modismo no Brasil, na atualidade, considerando-se o período de 2000 a 2009. Como aporte teórico, a pesquisa ampara-se nos estudos Onomásticos de Dick (1992), de López Franco (2014) e na Antroponomástica Comparada (SEIDE, 2016). Para isso, os dados sobre a antroponímia espanhola foram extraídos e obtidos de uma reportagem publicada na seção *Verne* na versão *on-line* do jornal espanhol *El País* em março de 2018; os dados brasileiros foram coletados a partir de uma plataforma de pesquisa – denominada *Nomes do Brasil* – do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os resultados mostram que, apesar de haver proximidade linguística e cultural entre os dois países, há tanto convergências quanto divergências no uso dos antropônimos. A pesquisa aponta que há maior convergência nos antropônimos masculinos, haja vista que grande parte dos prenomes citados como modismo na Espanha, também o são no Brasil; ao passo que para os antropônimos femininos há maior dinamicidade na atribuição dos nomes, isto é, os nomes considerados modismos na Espanha divergem dos modismos na antroponímia brasileira.

**Palavras-chave:** Antroponomástica; Antroponomástica comparada; modismos.

**Abstract:** This article has as the main objective to present results of a comparative study of the behavior of the names, verifying whether a set of anthroponyms adopted by fashion and evaluated as "new" in Spain in 2016, were also adopted by faddism in Brazil, considering the period from 2000 to 2009. As a theoretical basis, the research is grounded on the onomastics studies by Dick (1992), López Franco (2014) and Compared Anthropomonastic (SEIDE, 2016). For that, data on Spanish anthroponyms were extracted and obtained from a report published in the *Verne* section in the online version of the Spanish newspaper *El País* in March, 2018; the Brazilian data were collected from a research platform - denominated *Names of Brazil* - of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The results show that, although there is linguistic and cultural proximity between the two countries, there are both convergences and divergences in the use of anthroponyms. The research points out that there is greater convergence in masculine anthroponyms, given that most of the names mentioned as fads in Spain are also in Brazil; whereas for female anthroponyms there is greater dynamicity in the attribution of names, as the results diverge that is, the names considered as fashionable in Spain are not the same names considered as such in Brazilian anthroponymy.

**Keywords:** Anthroponomastic; Comparative Anthropomonastic; fashion



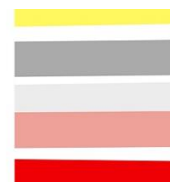
## 1 Introdução

Nomear pessoas sempre foi uma prática muito recorrente em toda e qualquer comunidade. Além de atemporal, os nomes próprios de pessoas, também chamados de antropônimos, podem revelar questões etimológicas, sociais e culturais de uma sociedade. Embora atribuir nomes às pessoas seja uma ação usual e cotidiana, eles são registros linguísticos que revelam aspectos socioculturais. O conjunto de nomes de pessoas, a antroponímia, em uso em um determinado lugar, em uma época determinada por uma comunidade forma uma norma antroponímica. Ao longo deste artigo são comparadas duas normas antroponímicas com base em duas amostras de nomes construídas a partir de estatísticas oficiais da Espanha e do Brasil.

Há uma área da linguística que estuda os nomes próprios: a Onomástica, e uma subárea específica que se dedica à investigação dos nomes próprios de pessoa (tecnicamente chamados antropônimos), Antroponomástica, cujo campo de estudo é amplo e diversificado e inclui o tipo de pesquisa relatada neste artigo: a Antroponomástica Comparada, que se detém em analisar e comparar normas antroponímicas de lugares distintos. Há vários tipos de nomes (prenomes, sobrenomes, apelidos, nome social, entre outros), este artigo, portanto, foca o prenome, que é o nome individual antecedido pelo sobrenome no registro civil. Por questão de simplicidade, ao longo deste artigo, os prenomes são chamados pelo termo genérico *nome*.

O objetivo deste artigo é fazer um estudo exploratório para descobrir como o fenômeno do *modismo* influencia a escolha antroponímica na Espanha e no Brasil na atualidade. Nesta pesquisa o modismo é visto como um fenômeno social pelo qual, num dado momento cronológico, há um aumento repentino na frequência de uso de um nome, auge que dura alguns anos após o qual há uma queda, também repentina de uso, este nome que entra na moda pode ser inédito ou ter sido usado no passado, há três ou quatro gerações. Assim, para os propósitos desta pesquisa, “considera-se que um modismo na prática nomeadora de uma comunidade é a escolha de um nome que se destaca por ser diferente do tradicional e por seu uso ser passageiro, fugaz, apresentando, necessariamente, um começo súbito, um auge de utilização e um decréscimo também acentuado” (SEIDE, 2018, p.164-165).

Não obstante, o país europeu tem tradições culturais milenares enquanto o país sul-americano conta com pouco mais de 500 anos de existência, trata-se de línguas do mesmo



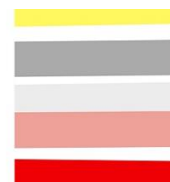
ramo linguístico que integraram um mesmo bloco na România, a das línguas ibéricas do qual também faz parte o galego. Conforme esclarece o filólogo Bruno Fregni Bassetto, as línguas da Ibéria, convivendo num mesmo território, obviamente se influenciam mutuamente através do comércio, do intercâmbio cultural, do turismo e dos meios de comunicação” (BASSETTO, 2001).

Assim, busca-se investigar se os nomes usados na Espanha contemporaneamente por modismo apresentam a mesma tendência de uso no Brasil, partindo-se da hipótese de haveria mais convergência de resultados do que se obteve em pesquisa anterior que comparou usos antroponímicos de prenomes masculinos no Brasil e na Lituânia.

Essa hipótese de pesquisa surgiu em decorrência de resultados obtidos em pesquisa anterior na qual foram comparadas duas normas antroponímicas distantes do ponto de vista linguístico e cultural: a brasileira e a lituana (SEIDE; PETRULIONĖ, 2018). Assim comparadas a língua portuguesa com a língua lituana de um lado, e a língua portuguesa e a língua espanhola, de outro, nota-se que há mais disparidade no primeiro caso do que no segundo, tendo em vista que o idioma lituano não pertence ao mesmo ramo linguístico, como é o caso da língua românica originariamente faladas na península ibérica.

Na pesquisa supracitada, foram comparadas duas amostras de nomes masculinos: uma lituana e outra brasileira, cujos dados foram coletados em *sites* nacionais de estatísticas oficiais. Enquanto, na amostra lituana, estão os 17 nomes mais frequentes para o período de 2006 a 2017, na amostra brasileira, há os 17 mais usados na década de 1990, ou seja, de 1990 a 1999. Verificou-se a utilização de um mesmo conjunto de nomes: *Matas, Lukas, Jonas e Gabrieli*us na Lituânia e *Gabriel, Lucas, Pedro e Mateus* no Brasil. Para os nomes presentes na amostra lituana, mas não na brasileira, foi investigado se apresentavam o mesmo comportamento de uso ao longo do tempo. Dos nove nomes pesquisados, apenas dois foram usados concomitantemente nos dois países: *Jacó – Jokūbas* e *Kaius – Caio*.

Frente a esse resultado, surgiu a questão de saber se países cultural e linguisticamente mais próximos teriam normas antroponímicas mais convergentes. A pesquisa ora apresentada procura responder a essa questão, verificando se um conjunto de nomes adotados por modismos e avaliados como inovadores na Espanha em 2016 também são adotados por modismo no Brasil na atualidade, considerando-se o período de 2000 a 2009.

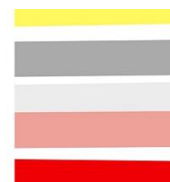


Para além do cotejo dos nomes mais usados em ambos os países, verificou-se também em que medida, na grafia destes nomes são seguidas as normas ortográficas vigentes em cada país. Cumpre ressaltar que a pesquisa utiliza exclusivamente metodologias quantitativas e documentais, uma vez que não se procedeu a pesquisas de campo como a desenvolvida por Frai (2016), que realizou entrevistas a pais que escolheram grafias não convencionais para os nomes de seus filhos. Os resultados da pesquisa indicaram que essa escolha está relacionada ao mesmo motivo pelo qual os pais escolhem um nome da moda: o desejo de que o filho tenha um nome visto como novo, diferente, único. Sua pesquisa também revelou que fatores como a mídia e o próprio processo de globalização podem influenciar na prática de nomeação (FRAI, 2016). Considerando que a pesquisa de Frai elucida motivos para a escolha de grafias não convencionais, é de se ressaltar que pesquisas como a de Grespan (2014) e a descrita neste artigo se baseiam em pesquisa documental e dados estatísticos fornecidos por sites governamentais as quais podem e devem ser complementadas por pesquisas de campo para que se possam ser investigadas as motivações que impulsionam a escolha antroponímica.

Os dados sobre a antroponímia espanhola foram extraídos e obtidos de uma reportagem intitulada “Triana, Veja o Ian: nombres que antes casi no se elegían y ahora están entre los más populares”, publicada na seção *Verne* na versão *on-line* do jornal espanhol *El País* no dia 27 de março de 2018. Por comodidade, ao longo do artigo, a reportagem é designada pelo nome da seção em que foi publicada.

A reportagem almejou a divulgação dos nomes que são populares e inovadores na antroponímia espanhola, com base em dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística da Espanha (INE). Para esta pesquisa, foram selecionados os 10 primeiros nomes masculinos e os 10 primeiros nomes femininos entre os analisados em *Verne*.

Os dados brasileiros foram coletados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é uma organização pública responsável pelos levantamentos e gerenciamentos dos dados e das estatísticas brasileiras. No último Censo Demográfico de pesquisa, no ano de 2010, foi feito o levantamento dos nomes próprios de pessoas que residiam no país. Atualmente, moram no Brasil mais de 200 milhões de habitantes os quais são chamados por mais de 130 mil antropônimos diferentes, dentre os mais populares, encontra-se *Maria* para as mulheres e *José* para os homens.



A fim de divulgar tais dados de pesquisa, o Instituto também criou uma plataforma de pesquisa – denominada *Nomes do Brasil* – onde há possibilidade de pesquisar os antropônimos mais utilizados, tanto femininos quanto masculinos, em cada década, a partir de 1930 até 2000. Além disso, a plataforma disponibiliza dados percentuais e números absolutos de nomes de residentes que foram entrevistados pelo Censo IBGE de 2010.

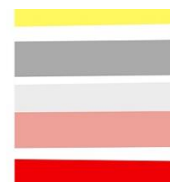
Salienta-se que as variantes dos nomes foram contabilizadas separadamente, conforme registradas na lista de moradores do domicílio no momento da coleta do questionário, tenha sido este realizado pelo recenseador durante a entrevista presencial ou pelo próprio informante via *Internet*. Dessa forma, a variação da ortografia - *Ana* e *Anna*, *Luiz* ou *Luis* - são contabilizadas como nomes diferentes. Ainda, o sexo do morador é um fator influenciador na escolha do prenome, portanto, é uma variável que necessita ser considerada.

Dessa forma, este artigo está organizado em três seções: fundamentação teórica, procedimentos metodológicos e resultados. Primeiramente, apresenta-se a fundamentação teórica utilizada, na segunda, explicam-se os procedimentos metodológicos adotados e, na terceira, os resultados obtidos são descritos e analisados. Algumas considerações sobre as contribuições e as limitações da pesquisa encerram o artigo.

68

## 2 Fundamentação teórica

As pesquisas antroponímicas têm como objetivo investigar como se nomeiam as pessoas em regiões diferentes. Seide (2016), em uma revisão de literatura, elucida as diferentes perspectivas de estudos na área dos nomes próprios de pessoas a partir de trabalhos publicados em um evento internacional de Onomástica – ICOS. *International Council of Onomastics* é um evento cujo objetivo é apresentar as últimas pesquisas pertinentes à Onomástica; os trabalhos publicados visam um parâmetro geral no desenvolvimento de pesquisas na área. Nessa direção, Seide (2016) se utilizou dos artigos publicados no evento de 2011, sediado em Barcelona, Espanha. Entre as subáreas da Antroponomástica, há o campo da Antroponomástica Comparada, que objetiva a análise comparativa de normas antroponímicas de lugares e/ou idiomas distintos, as quais consistem na reunião de nomes de pessoais em uso num determinado tempo por uma dada sociedade. Nesse viés de pesquisa, os



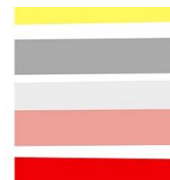
nomes são estudados não apenas no que respeita os repertórios dos antropônimos, em sua constituição e estrutura, mas também em como os nomes são usados.

Em sua revisão de literatura, Seide (2016) aponta que as pesquisas divulgadas da Antroponomástica Comparada podem ser tanto de viés quantitativo quanto qualitativo; pode apresentar cunho unidisciplinar, em se tratando de uma pesquisa estritamente linguística; quanto interdisciplinar, ao se utilizar da História, Antropologia, Geografia para entender o fenômeno dos nomes próprios. Ela cita, como exemplos de pesquisa na área, a de Mutsukawa (2014), que investigou as características fonológicas e semânticas em nomes femininos e masculinos entre duas línguas: a inglesa e a japonesa. Na pesquisa, a autora se utiliza da revisão bibliográfica de ambas as línguas, no entanto, o estudo foca o estudo sistêmico das estatísticas em relação às características fonológicas e semânticas. Outra pesquisa mencionada é a de Gudurić (2014), que objetivou analisar como os nomes próprios franceses são traduzidos para a língua sérvia, e descrever as adaptações fonéticas e morfológicas realizadas. Nesse sentido, a pesquisa, diferentemente da primeira mencionada, é de viés monolíngue, ou seja, não se utiliza de uma revisão bibliográfica de duas localidades. O enfoque, portanto, recai nas adaptações que os nomes podem ter em se tratando da utilização destes em contextos culturais divergentes.

O que interessa à pesquisa de natureza antroponomástica comparada é contrastar os antropônimos de diferentes regiões. Ao analisar um sistema de atribuição nominal, segundo López Franco (2014), observam-se a existência da evolução diacrônica e variação diatópica: “No primeiro caso, por exemplo, um modelo de atribuição tradicional pode passar a ter características novas, provenientes da adoção de um modelo pautado na moda. No segundo, diferentes comunidades linguísticas podem adotar modelos atributivos distintos” (LÓPEZ FRANCO, 2014, p.02).

De modo geral, a moda ocorre quando o gosto coletivo se altera, alteração que ocorre por ciclos (BESNARD; DESPLANQUES, 2003, p. 10 apud LÓPEZ FRANCO, 2014, p. 03). Desse modo, para saber se um nome pode ser considerado da *moda* ao longo de um período determinado, deve haver um acréscimo e um decréscimo súbito de frequência no uso do nome em diferentes épocas, isto é, o antropônimo é utilizado em determinadas décadas. Ao contrário, quando um nome é usado de modo permanente, apenas com poucas oscilações de frequência, considera-se que o nome é tradicional. Quando se leva em conta um período de 50





anos ou mais, pode-se perceber que, muitas vezes, um nome cai em desuso, mas volta a ser usado num período de quatro gerações (LÓPEZ-FRANCO, 2014). Portanto, a *moda* é considerada

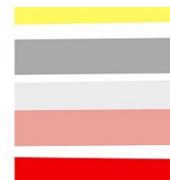
un fenómeno social que tiene implicaciones sociolingüísticas y socioantroponímicas, que proviene tanto del prestigio de las normas o tradiciones lingüísticas y discursivas de una comunidad de habla. Actualmente son los padres los que a menudo imponen al hijo un nombre que sea eufónico para la época y para la comunidad a la que pertenecen. Es debido a esto parámetros de tiempo y lugar por los que los padres escogen determinada unidad léxica y no otras, creyendo que los hacen por “gusto personal” (LÓPEZ FRANCO, 2014, p.18, tradução nossa).<sup>1</sup>

Além disso, conforme apontado por Jiménez Segura (2014), é comum que o nome que da moda não faça parte do repertório antroponímico vigente, motivo pelo qual ele é avaliado como sendo um nome novo cuja escolha relaciona-se com o desejo dos pais de que seus filhos tenham um nome pouco utilizado ou único, a exemplo, os nomes estrangeiros veiculados pelos meios midiáticos.

Assim como em López Franco (2014), o foco desta pesquisa consistiu em observar o uso dos prenomes em países diferentes, mas pertencente a uma mesma família linguística. Nesse caso Espanha e Brasil, país colonizado por portugueses os quais compartilham a cultura de base ibérica com os espanhóis, que também se faz presente na cultura brasileira. Do ponto de vista linguístico, ressalte-se que a língua portuguesa e a língua espanhola são idiomas pertencentes ao ramo ocidental das línguas românicas (BASSETTO, 2001 p. 251).

Partiu-se da hipótese de que, por pertencerem ao mesmo ramo linguístico, os dados relativos à antroponímia masculina seriam mais convergentes e que haveria mais nomes em comum e usados por modismo ao mesmo tempo, na Espanha e Brasil daqueles investigados quando se compararam as antroponímias brasileira e lituana. Diferentemente da pesquisa anterior, nesta pesquisa, também, investigou-se a antroponímia feminina. Com relação aos nomes femininos, tendo em vista pesquisas anteriores que mostram que os pais são mais inovadores e criativos quando nomeiam suas filhas resultando na utilização de um repertório maior de nomes (LÓPEZ-FRANCO, 2014), partiu-se do pressuposto de que haveria poucas

<sup>1</sup> um fenómeno social que tem implicações sociolingüísticas e socioantroponímicas que provem tanto do prestígio quanto das normas ou tradições lingüísticas. Atualmente são os pais que impõem ao filho um nome que seja eufónico para a época e para a comunidade de fala a que pertencem. É devido a estes parâmetros de tempo e lugar pelos quais os pais escolhem determinada unidade lingüística, e não outras, acreditando que o fazem “por gosto pessoal”.



convergências, resultado que se relaciona mais as questões de gênero no mundo ocidental e menos a diferenças culturais ou linguística entre países particulares.

Apresentadas a fundamentação teórica e a hipótese inicial da pesquisa, os procedimentos metodológicos serão descritos a seguir.

### 3 Procedimentos metodológicos

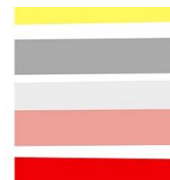
Do ponto de vista metodológico, o principal cuidado que se deve ter no campo da Antroponomástica Comparada relaciona-se com a elaboração de amostras comparáveis, para se garantir que a comparação seja válida. Uma maneira de se alcançar isso é optar pela elaboração manual de amostra a partir de certidões de nascimento lavradas nos lugares e nos períodos previamente escolhidos e seguindo-se determinados critérios para determinar a quantidade de certidões a serem coletadas de acordo com um determinado percentual em relação aos números demográficos de cada localidade. Esses procedimentos foram os adotados por Lopez-Franco em sua pesquisa sobre a atribuição de nomes em dois municípios, um localizado na França e outro no México (2014).

Devido à sua natureza quantitativa, podem surgir questionamentos sobre a representatividade das amostras nos casos em que as populações de cada município, cujo número de habitantes seja díspar. Huschka e Wagner (2010) defendem que o tamanho da amostra influencia a distribuição dos nomes de modo que, para uma comparação entre amostras ser mais precisa, não seria suficiente que as amostras fossem de tamanho semelhante, os universos amostrados deveriam ter dimensões equivalentes.

No caso da pesquisa de Lopez-Franco, por exemplo, na época da coleta (2012), o município francês era mais populoso de que o mexicano (respectivamente, pouco mais de 600.000 habitantes e 400.000 habitantes), porém as amostras são do mesmo tamanho: 6.203 certidões em cada uma, quantidade equivalente, em cada local a 1% do total de registros no ano de cada coleta. No caso dessa pesquisa, apenas os tamanhos são semelhantes, mas as dimensões são diferentes, provavelmente devido às diferentes taxas de natalidade.

Percebe-se assim, que exigências como as de Huschka e Wagner (2010) criam um paradoxo que, no limite, inviabilizaria a maioria das pesquisas na área:





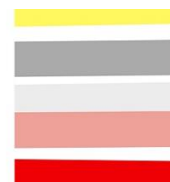
Considerando-se que os países e as várias comunidades que podem habitar um país são, na maioria das vezes, díspares do ponto de vista populacional, tais exigências levariam a análises comparativas de universos de antemão semelhantes e dificultariam a validação de pesquisas comparativas mais amplas que pudessem abranger a diversidade populacional da maioria dos países (SEIDE, 2017).

Com o objetivo de verificar se, em pesquisas antroponímicas, análises de mostras diferentes poderiam resultar em resultados válidos, foi feito um experimento. Duas amostras díspares foram comparadas: de um lado, um conjunto de 500 certidões de nascimento coletadas via seleção dos cem primeiros registros de cada década do cartório do município de Marechal Cândido Rondon (correspondendo a pouco mais de 1% da população atual), no Paraná; de outro, com os dados disponíveis sobre os nomes dos residentes do município, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para um conjunto de 12 nomes masculinos. Houve convergência de uso por modismo e escolha do nome no eixo cronológico para sete nomes e, para três nomes, houve convergência no uso, mas não de escolha no eixo cronológico, que divergiu em uma década (SEIDE, 2017, p. 89).

Os resultados do experimento mostram que a adoção de amostras diferentes é um procedimento válido que possibilita pesquisas como a descrita neste artigo, no qual se comparam duas amostras de nomes: a primeira é brasileira, contendo 20 nomes, cuja população atual, segundo o IBGE, é de 208,5 milhões de habitantes em 2018; e a segunda, espanhola, cuja população o Instituto Nacional de Estatística estimou ser de 46,57 milhões de habitantes, em 2017.

Conforme já mencionado, o ponto de partida para a construção da amostra espanhola foi a análise minuciosa de uma matéria jornalística publicada no *site* espanhol *Verne*, relacionado às publicações do jornal espanhol *El país*, em janeiro de 2018. Nesse texto, objetivou-se divulgar quais nomes são “populares” e “novos” na antroponímia espanhola, com base em dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística da Espanha (INE).

O jornalista considerou como popular os nomes que constam em listagem de 100 nomes mais usados registrados nos cartórios civis espanhóis, elaborada pelo INE e divulgada anualmente desde 2002. Os nomes avaliados como “novos” foram assim considerados por não constar na primeira listagem de 2002, mas estar presente na listagem de 2016. Utilizando esses critérios, chegou-se a um conjunto de 23 nomes masculinos e 16 nomes femininos “novos” e “populares”. Para cada nome, foi feita uma pesquisa no INE para verificar quando



os nomes foram usados pela primeira vez e a idade média dos nomeados, o mesmo foi feito com os nomes brasileiros.

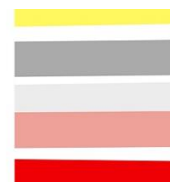
Para fins desta pesquisa, foram selecionados os dez nomes masculinos e os dez nomes femininos mais frequentes na antroponímia espanhola, resultando numa amostra de 20 nomes. Os mesmos nomes formaram a amostra brasileira. Para cada nome, as seguintes informações foram recolhidas consultando-se a aba Nomes IBGE 2010 do *site* do IBGE: década do primeiro registro do nome e número de frequência em cada década. Para dois nomes masculinos, também se buscou informação sobre formas gráficas semelhantes e sobre uma forma variante de um dos nomes.

As informações de *Verne* foram comparadas e analisadas com as do IBGE seguindo-se os seguintes critérios:

- a) aumento e declínio súbito de um nome ao longo do tempo evidencia que se trata de um nome da moda;
- b) se um nome da moda, para ambas as amostras, tem, em seu ciclo de uso, auge na mesma década ou uma década antes ou depois, os nomes em questão têm comportamento equivalente e seu uso é totalmente convergente. Considerando que os dados de *Verne* terminam em 2016 e os do IBGE em 2009, se, na amostra brasileira, há auge de uso na década de 2000, considera-se como fazendo parte da mesma década para fins de análise;
- c) se, na amostra brasileira, não se verifica um comportamento de nome adotado por modismo ou o nome não é mais usado com frequência mínima para gerar gráficos há mais de duas décadas, trata-se de um nome em desuso ou associado a residentes brasileiros mais velhos. Nesses casos, considera-se haver divergência total, pois o nome no Brasil não poderia ser avaliado nem como “popular” nem como “novo”.

Cumprido esclarecer, por fim, que o elenco de nomes usados na Espanha foi procurado na plataforma do IBGE a fim de verificar se havia alguma correlação no uso desses nomes, isto é, se o comportamento dos nomes espanhóis no eixo cronológico também poderia ser considerado modismos na antroponímia brasileira. Na seguinte seção, descrevem-se e analisam-se os resultados obtidos.

Outro esclarecimento necessário diz respeito ao fato de que os procedimentos metodológicos se limitaram à análise contrastiva dos dados informados pelo jornalista com



base no INE e pelos dados disponíveis pelo IBGE. Embora esses dados, em ambas as instituições, tenham sido tratados estatisticamente, não foram feitas análises estatísticas, mas sim a análise de números absolutos sobre o uso dos nomes, segundo dados fornecidos pelas citadas instituições. Além disso, quando se menciona a moda ou o modismo não se tem em mente um conceito estatístico, mas sim antroponomástico (SEIDE, 2018).

#### 4 Resultados obtidos

Utilizando os critérios descritos na seção anterior, a amostra espanhola foi formada pelo elenco de nomes visualizados na Tabela 1 a seguir, e a amostra brasileira foi formada pelo mesmo elenco de nomes. Os dados sobre os nomes da amostra brasileira foram coletados e analisados, separada por sexo. Coletados os dados para a amostragem brasileira e analisadas as informações dadas para a amostra espanhola em *Verne*, procedeu-se à análise comparativa a seguir descrita em duas subseções, sendo que a primeira foca a antroponímia feminina e a segunda a antroponímia masculina.

74

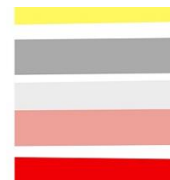
Tabela 1 – Recorte dos antropônimos femininos e masculinos que ingressaram na lista dos 100 mais utilizados na listagem de 2016 na Espanha

| Antropônimos femininos | Antropônimos masculinos |
|------------------------|-------------------------|
| 1 Valentina            | 1 Leo                   |
| 2 Veja                 | 2 Enzo                  |
| 3 Alma                 | 3 Oliver                |
| 4 Vera                 | 4 Dylan                 |
| 5 Olivia               | 5 Adam                  |
| 6 Triana               | 6 Thiago                |
| 7 Chloe                | 7 Gael                  |
| 8 Mía                  | 8 Luca                  |
| 9 Abril                | 9 Ian                   |
| 10 Zoe                 | 10 Rayan                |

Fonte: elaboração nossa (2019)

##### 4.1 Antroponímia feminina

O primeiro nome da amostra espanhola é *Valentina*. Segundo os dados de *Verne*, esse antropônimo foi bastante utilizado nas décadas de 1930 a 1950 e, em 2009, o nome entrou na lista dos 100 mais populares naquele país com 409 registros. Três anos depois, o número de



registros saltou para 1.300 e alcançou seu auge no ano de 2014, com 1.936 ocorrências. No último ano do período, esse nome contava com 1.794 ocorrências.

Considerando o mesmo período nos dados do IBGE, encontram-se os seguintes resultados: de 1930 a 1950, houve um aumento de registros de 389 para 911. Nas décadas seguintes, houve decréscimo, em 1980 havia apenas 261 registros. A partir de 1990, contudo, o nome começou a ser bem mais usado – 778 registros – e atingiu seu auge na década de 2000, com 9.025 registros.

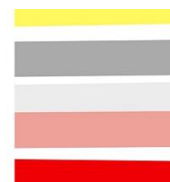
Assim, observa-se que houve utilização do nome *Valentina* em ambos os países nas mesmas décadas no século passado, de modo que, nos dois países, se pode afirmar que os nomes das avós voltaram ao uso para nomear as netas. O ano em que os registros aumentaram exponencialmente também é semelhante: nos dados espanhóis, houve aumento significativo em 2012 (de 559 para 1.300 registros) e, nos dados brasileiros, na década de 2000, ou seja, de 2000 até 2009 (de 778 para 9.025 registros). Observa-se, assim, que o antropônimo *Valentina* pode ser considerado um nome da moda, com tendência cíclica tanto no Brasil quanto na Espanha.

75

A segunda posição na antroponímia feminina da Espanha é ocupada pelo nome *Vega*, nome que foi atribuído a apenas 31 meninas no Brasil durante todo o período abrangido pelo IBGE, o que indica tratar-se de um nome raro no Brasil, em contraste com sua popularidade recente na Espanha, cujo uso se iniciou em 2010.

O terceiro nome do elenco da antroponímia feminina na Espanha foi *Alma*, que, de acordo com *Verne*, era incomum nos anos de 1990 e 2000. No entanto, em 2016, o nome foi escolhido para 1.409 meninas nascidas naquele ano. No que diz respeito a esse antropônimo no Brasil, diferentemente da antroponímia da Espanha, o nome *Alma* era usado já na década de 1930, com 414 casos e seu uso começou a diminuir significativamente: na década de 1950, foram registradas 170, sendo que, em 2000, registraram-se apenas 20 meninas com esse nome. Esses dados indicam que o nome esteve na moda na década de 1930.

Enquanto na Espanha o antropônimo *Alma* é considerado um nome novo por não ser muito usando antes dos anos 1980, no Brasil, trata-se de um nome frequente somente nas décadas de 1930 e 1940 que já estava em pleno declínio quando começou a ser usado na Espanha. Em outras palavras, trata-se de um nome que caiu em desuso no Brasil, entretanto é um modismo na Espanha.

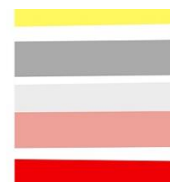


Em seguida, o quarto nome mais usado na Espanha foi *Vera*, que entrou na lista dos 100 mais populares em 2011 e conta com 8.316 mulheres nomeadas com o antropônimo. Já no Brasil, esse nome foi mais popular nas décadas de 1950 e 1960 (com 112.453 e 126.329 registros respectivamente) sendo utilizado em 1930 (9.958 registros). Entrou em declínio da década de 1970 (71.151 registros) e, na última década do período, em 2000, foi menos utilizado do que na década de 1930 (1.640 registros). Esses dados indicam que o comportamento do nome *Vera*, na antroponímia nacional, é divergente do espanhol. Enquanto, na Espanha, trata-se de um nome considerado inovador, no Brasil, o nome é associado a pessoas mais velhas, mães ou avós das crianças de hoje, uma vez que o nome é pouco usado na contemporaneidade, embora tenha estado na moda nas décadas de 1950 e 1960. Assim, o mesmo fenômeno observado para o nome *Alma* ocorreu com o nome *Vera*: desuso no Brasil e modismo na Espanha.

Em quinto lugar, o nome *Olivia*, segundo a divulgação dos dados de Verne, já foi um modismo na Espanha nos anos de 1970 e retorna como favorito a partir de 2010. No Brasil, esse antropônimo foi primeiramente registrado na década de 1930 (4.168 registros), sua utilização aumentou na década de 1940 (6.503) e depois, com algumas oscilações na década de 1980, voltou a diminuir até o final do período estudado, quando teve 4.070 registros na década de 2000.

Nota-se que enquanto, na antroponímia espanhola, o nome *Olivia* foi amplamente mencionado na década de 1970 e depois em 2010, no Brasil, na década de 1970, houve o menor número de ocorrências, sendo o auge de utilização data da década de 1940. Isso mostra que houve modismo em ambos os países, porém em épocas distintas, sendo que, no Brasil, a moda foi pontual, já na Espanha foi cíclica, tendo em vista o retorno do nome.

Em sexto lugar, no *ranking* da Espanha, está o nome *Triana* que ingressou entre os 100 mais populares em 2014. Dos 4.482 registros, quase 4.000 nasceram a partir do ano 2000, o que aponta para o fato de ser um nome bastante recente na antroponímia da Espanha. No Brasil, existem, em todo o período abrangido, apenas 75 pessoas assim chamadas, das quais 20 foram registradas em São Paulo. Devido ao baixo número de registros, não há nenhum gráfico disponível para o nome no *site* do IBGE, o que indica tratar-se de um nome raríssimo, ao contrário da Espanha, onde o nome é popular.



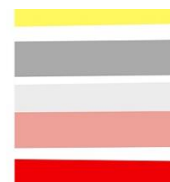
Já o nome *Chloe* está em sétimo lugar e entrou na lista dos 100 nomes mais populares na Espanha apenas em 2012. Em 2016, havia 3.521 registros de *Chloe* e 2.328 registros de *Cloe*. No Brasil, há registros do nome *Cloe* antes de 1930 (24 registros) até 1960 (30 registros) e não há registros estatísticos para as décadas de 1970 e 1980. O nome volta a ser usado nas décadas de 1990 (22 registros) com auge na década de 2000 (76 registros). Já a grafia com o grafema “h” do nome, só foi registrada na década de 2000, quando houve 112 registros. Somadas as formas variantes, nota-se que esse nome entrou na moda quase ao mesmo tempo em ambos os países: em 2012 na Espanha e na década de 2000 (portanto entre 2000 e 2009) no Brasil e, em ambos os países, o nome pode ser considerado um nome inovador. Não se pode negar, contudo, que a popularidade do nome na Espanha é muito maior do que no Brasil.

Em oitavo lugar está *Mía*, nome que entrou no elenco dos 100 mais populares apenas em 2013, quando houve registro de 2.882 recém-nascidas com esse nome. No Brasil, o nome *Mía* só aparece na década de 2000, com 59 casos, todos concentrados no estado de São Paulo. Ou seja, são nomes raros no Brasil, mas que estão na moda na Espanha.

No nono lugar da lista está o nome *Abril*. No Brasil, durante todo o período coberto pelo IBGE, só foram registradas 26 mulheres com esse nome. Esse é o caso de maior divergência encontrado, pois enquanto se trata de um nome atual e popular na Espanha, no Brasil, o nome é extremamente raro.

Com relação ao último nome da lista, *Zoe*, este ingressou na lista dos 100 antropônimos mais usados da Espanha em 2016, quando houve 667 registros para recém-nascidos na Espanha. Na antroponímia espanhola, o nome já aparece desde a década de 1950 e também é atribuído a homens, já que 93 homens espanhóis são chamados de *Zoe*. No Brasil, o antropônimo *Zoe* aparece antes mesmo da década de 1930 (120 registros), tendo auge em 1930 e 1940 (275 e 263 registros respectivamente), com leve declínio de 1950 (200 registros) até 1980, quando houve o menor número de ocorrências (28 registros). Na década de 1990, não houve nenhum registro, mas houve, na década de 2000, sensível aumento de uso (73 registros). Além disso, o uso desse nome para nomear pessoas do sexo masculino também foi registrado na década de 1940 (25 registros), 1950 (34 registros) e 1960 (30 registros).

Nessa direção, há convergência com relação aos usos de *Zoe* para meninas até meados do século passado. Atualmente, os usos desse nome divergem, já que ele é um modismo atual



na Espanha, porém em desuso no Brasil hoje. Quando o antropônimo é usado para designar meninos, porém, o nome não é usual em nenhum dos países.

As comparações feitas sobre as frequências dos nomes populares da Espanha no Brasil, para períodos cronológicos aproximados mostram que, dos dez nomes analisados, quatro são populares e, logo, da moda na Espanha, porém em desuso no Brasil (*Alma*, *Mía* e *Zoe*), um nome apresentou o mesmo comportamento de nome de moda, mas em épocas diferentes (*Olívia*), um nome é considerado como um nome relacionado a pessoas jovens na Espanha, mas a pessoas mais velhas no Brasil (*Vera*); dois nomes são atualmente populares no Espanha, mas são raríssimos no Brasil (*Abril* e *Triana*), e apenas um nome apresentou o mesmo comportamento de moda em ambos os países (*Valentina*); com base nesses resultados, pode-se concluir que o fato de serem línguas do mesmo ramo não resultou em usos de nomes femininos mais convergentes entre si.

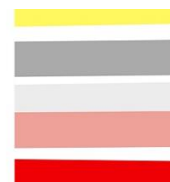
#### 4.2 Antroponímia masculina

No que diz respeito aos nomes próprios atribuídos aos homens, apesar de somente um nome ter coincidido nas listagens dos nomes mais populares de cada país, com relação à época de uso e ao comportamento dos prenomes, foram observadas convergências.

No primeiro lugar da lista, está o nome *Leo*. No ano em que o texto foi publicado (2018), havia 11.000 crianças na Espanha com esse nome, sendo que 90% dos registros são desta década. Interessante mencionar que tal antropônimo também é atribuído às mulheres (41 ocorrências). Já, no Brasil, é possível perceber que, antes de 1993, o antropônimo já fazia parte da norma antroponímica do país (168 registros), ou seja, já era utilizado na prática de nomeação do país. A partir de 1930, o número de ocorrências do nome aumenta de forma constante, com pequena oscilação positiva em 1990, até a década de 2000 quando contabilizou 3.348 ocorrências.

O nome *Leo*, no Brasil, também aparece para nomes femininos. Em 1950, já havia menção de 21 mulheres com esse nome. O aumento de ocorrências do antropônimo está intercalado tendo obtido, em 1960 e 1980 aumento de menções; e decréscimo em 1970 e 1990. Em 2000, o número de casos subiu para 42. Para esse prenome, portanto, há convergência tanto quando é atribuído a meninos quanto a meninas. Trata-se de um modismo em ambos os países.





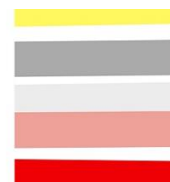
O nome *Enzo* ocupa, na Espanha, o segundo lugar da lista e quase não era atribuído a meninos antes de 2000; seu auge foi em 2016 com 1.752 registros. No Brasil, tal nome teve 21 ocorrências antes mesmo da década de 1930. O número de ocorrências entre a década mencionada até 1980 foi aumentando paulatinamente; porém, em 1990, houve um aumento exponencial de 469 registros para 2.073. Na década seguinte, o nome atingiu seu auge, com 43.584 menções, o que indica que *Enzo* é um antropônimo que faz parte da moda atual antroponímica em ambos os países.

Em terceiro lugar, o nome *Oliver* começou a ter representatividade na Espanha a partir de 2010. Em 2016, havia 1.314 crianças registradas com esse nome. No Brasil, o antropônimo surge na década de 1930, também com 21 ocorrências, com aumento paulatino em seu uso até 1950 (53 ocorrências). Em 1960, seu uso teve um aumento significativo (121 ocorrências). Esse nome se tornou mais frequente entre 1990 e 2000 quando houve um aumento súbito: foi de 466 para 1.647 ocorrências. Esses dados mostram que ambos os nomes são modismos recentes no Brasil e na Espanha.

O nome *Dylan* é o quarto da amostra da antroponímia da Espanha. Das 4.095 ocorrências na Espanha, a maioria nasceu a partir do ano de 2000, e houve um auge de utilização do nome em 2013. No Brasil, o antropônimo aparece a partir de 1980. O nome *Dylan* aparece em três momentos distintos: em 1980, com 33 ocorrências; em 1990, com 219 ocorrências, e, em 2000, com 387 ocorrências. Apesar de o nome fazer parte da antroponímia brasileira há mais tempo, em ambos os países, houve um auge de nomeação em épocas próximas, indicando que se também são modismos recentes.

Na sequência, está o nome *Adam* que, na Espanha, alcançou o maior número de ocorrências em 2010, atingindo 1.446 crianças. Nos dados brasileiros, o nome surge na década de 1950 (33 ocorrências), apresenta um primeiro auge na década de 1970 quando os registros sobem de 54 para 128 ocorrências. Houve um segundo auge no período das décadas de 1980, 1990 e 2000, com, respectivamente, as seguintes frequências: 801, 830 e 843. Comparando-se os dados, percebe-se que há modismos em ambos os países. Na Espanha entrou na moda em 2010, já no Brasil a moda é mais duradoura, pois tem início na década de 1980.

*Thiago* é o próximo nome da lista espanhola, com 1000 registros em 2018 e auge de utilização em 2013. A grafia sem “h” (*Tiago*) é a forma padrão na língua espanhola, também



se fez presente, porém, seu auge data de 2007 e 2008 e sua frequência é a metade da frequência do nome com “h”.

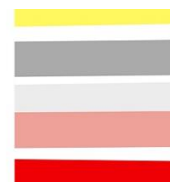
Nos dados do IBGE 2010, o nome Thiago é registrado deste antes de 1930. Há um primeiro auge na década de 1950 (quando a frequência aumentou de 421 para 852). Outro na década de 70 (houve um aumento de 852 registros para 7.246) e um aumento ainda mais pronunciado de frequência na década de 1980 (quando os usos registrados passaram de 7.246 para 144.784).

Cumpramos observar que com relação à grafia desse prenome, considerou-se como sendo a forma padrão aquela que está de acordo com as regras ortográficas da língua portuguesa, idioma no qual não há palavras vernáculas atualmente grafados com “th”, mas sim com “t”, motivo pelo qual a forma “Tiago” e a padrão, sendo a forma “Thiago” uma forma variante. Com relação à forma padrão na língua portuguesa, *Tiago*, há registros a partir de 1930 e períodos concomitantes de auge, sendo a forma mais frequente em comparação com a forma variante para todas as décadas. Para se ter uma ideia da preferência pela forma padrão, tem-se os seguintes números, somando-se todos os registros informados no IBGE: 264.645 para a forma variante e 492.149 para a forma padrão, quase o dobro em frequência.

Comparando esses resultados com os obtidos na Espanha, pode-se afirmar que o nome Thiago é um nome da moda em ambos, pois é evidenciado seu grande uso de determinadas décadas, porém, em épocas diferentes: da década de 1980 no Brasil e de 2013 na Espanha. Com relação à forma *Tiago*, ela também é usada por modismo, mas em épocas diferentes: na década de 1980 no Brasil e em 2007 e 2008 na Espanha. Outra diferença que importa ressaltar é a preferência pela forma variante na Espanha, mas pela forma padrão no Brasil.

Na sequência, o nome *Gael* entrou para o *ranking* dos nomes mais populares da Espanha em 2011, com auge de uso em 2013. *Verne* afirma ainda que o antropônimo ainda pode ser usado na nomeação de mulheres (43 ocorrências). No Brasil, na década de 2000, foram mencionadas 457 ocorrências do nome. Ocorrências não foram obtidas em outras décadas, nem seu uso para nomear mulheres. Tendo em vistas esses dados, em ambos os países, trata-se de um nome que não fazia parte da norma antroponímica e que entrou na moda em ambos os países.

Por fim, os nomes *Luca*, *Ian* e *Rayan*, na antroponímia espanhola, finalizam a lista do elenco de nomes na Espanha. Todos eles começaram a serem usados em 2002. *Ian* teve auge



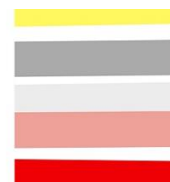
intermitentes em 2003 e 2004 e em 2010, já o nome *Ryan* teve 5.778 registros para meninos e 47 para meninas e entrou no *ranking* dos mais populares em 2003. *Verne* comparou seu uso com a grafia inglesa original *Ryan*, bem menos usada: houve apenas 426 registros, não havendo demais explicações sobre esse antropônimo no *site Verne*.

No Brasil, o nome *Luca* começa a ser registrado na década de 1950, com maior incidência até a década de 1970, respectivamente, 87, 115 e 410 ocorrências. Houve um aumento de frequência muito grande nas últimas décadas: 3.251 na de 1990 e 6.919 na década de 2000. Frente a esses dados, pode-se afirmar que tanto no Brasil quanto na Espanha trata-se de um nome que entrou na moda recentemente. O nome *Ian*, no Brasil, é registrado desde 1940 (28 ocorrências) e sua frequência de uso sobe de década a década, aumento que se pronuncia na década de 1980 (quando foi de 208 ocorrências para 949), na de 1990 (quando houve 10.135 registros) e atinge o auge na década de 2000 (quando teve 24.1142 menções). Esses dados indicam que, em comparação com os dados espanhóis, o nome *Ian* é uma moda recente.

Por fim, *Ryan* aparece como o décimo da lista mais usados na Espanha, somando 5.778 ocorrências para homens e 47 atribuições para mulheres. Esse nome entrou no *ranking* dos mais populares em 2003. A grafia *Ryan* também foi considerada, com 426 ocorrências.

No Brasil, os usos dos antropônimos convergem com a antroponímia espanhola. O antropônimo *Ryan* surge a partir da década de 1980 (77 ocorrências) como nome masculino e, na década de 1990, como nome feminino (30 ocorrências). Nas décadas de 1990 e de 2000, o aumento de uso para nomear meninos foi significativo (respectivamente 1.009 e 1.719 ocorrências) e seu uso para nomear meninas também aumentou na década de 2000 (52 ocorrências). Considerando que o nome entrou na moda espanhola em 2003 em ambos os países, trata-se de uma moda recente.

Com relação às outras variantes do nome, o IBGE registrou como forma similares o nome masculino: *Raiam*, *Rayann*, *Rhayan*, *Rayhan*, *Raian*, *Rayam* e *Rhaian*. Esse antropônimo aparece como sendo outro nome, o qual foi registrado apenas em 2000 com 28 ocorrências. Percebe-se por esse dado que a forma inglesa original de se grafar o nome é preterida em ambos os países. Chama a atenção, também, a quantidade de formas variantes nos dados brasileiro, contudo, considerando o número total de ocorrências e que superou, inclusive, o número de frequência de *Ryan*, foi a forma *Raian* que teve um auge de uso na



década de 2000 com 2.609 ocorrências. Essa forma é interessante, pois, de um lado, apresenta a grafia da primeira sílaba conforme a pronúncia do nome origina, e de outro, sua terminação em “n” não está de acordo com as regras ortográficas da língua portuguesa.

Reunindo todos os dados coletados para a antroponímia masculina, percebe-se que todos os nomes da lista espanhola são nomes de moda naquele país e no Brasil. Houve poucas divergências: o nome *Thiago* apresentou comportamento de moda em épocas diferentes em cada país, sendo que a forma padrão sem “h” foi a preferida no Brasil. Já com relação ao nome *Ryan*, no Brasil, houve preferência por uma forma variante *Raian*, a qual é diferente tanto da grafia original *Ryan* quanto da grafia aportuguesada *Raiam*.

## 5 Análise dos resultados

A análise comparativa das amostras foi feita com o intuito de saber se um recorte de nomes avaliados como inovadores na Espanha poderiam ser avaliados na mesma maneira no Brasil. Os resultados obtidos para cada nome são visualizados nas Tabelas 2 e 3 a seguir.

82

Tabela 2 - Resultados para a antroponímia feminina

| Nome             | Moda em ambos os países | Na mesma época | Época aproximada | Épocas distintas |
|------------------|-------------------------|----------------|------------------|------------------|
| <b>Valentina</b> | Sim                     | X              |                  |                  |
| <b>Vega</b>      | Não                     |                |                  |                  |
| <b>Alma</b>      | Sim                     |                |                  | X                |
| <b>Vera</b>      | Sim                     |                |                  | X                |
| <b>Olívia</b>    | Sim                     |                |                  | X                |
| <b>Triana</b>    | Não                     |                |                  |                  |
| <b>Chloe</b>     | Sim                     | X              |                  |                  |
| <b>Mía</b>       | Não                     |                |                  |                  |
| <b>Zoe</b>       | Sim                     |                |                  | X                |

Fonte: elaboração nossa (2019)

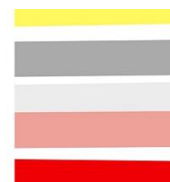


Tabela 3 - Resultados para a antroponímia masculina

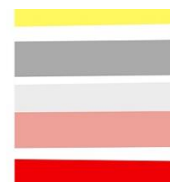
| Nome   | Moda em ambos os países | Na mesma época | Época aproximada | Épocas distintas |
|--------|-------------------------|----------------|------------------|------------------|
| Leo    | Sim                     | X              |                  |                  |
| Enzo   | Sim                     | X              |                  |                  |
| Oliver | Sim                     | X              |                  |                  |
| Dylan  | Sim                     |                | X                |                  |
| Adam   | Sim                     | X              | X                |                  |
| Thiago | Sim                     |                | X                | X                |
| Gael   | Sim                     | X              |                  |                  |
| Luca   | Sim                     | X              |                  | X                |
| Ian    | Sim                     | X              |                  | X                |
| Rayan  | Sim                     | X              |                  |                  |

Fonte: elaboração nossa (2019)

Conforme mostram os resultados obtidos, há muito mais convergência na antroponímia masculina: enquanto dos dez nomes masculinos analisados, apenas dois não são modismos ocorridos na mesma época, dos dez nomes femininos, apenas dois nomes estão nesta categoria.

Os dados relativos ao uso dos nomes por modismo no Brasil em épocas próximas ou distintas, por sua vez, foram obtidos por haver disponibilidade de dados no IBGE e apontam para a natureza cíclica dos nomes, de um lado, e para o fenômeno pelo qual um nome cai em desuso. Os dados também mostram que há uma tendência na antroponímia feminina, considerando que há mais casos de modismo de um mesmo nome em épocas distintas: quatro nomes estão nessa categoria.

Retomando as hipóteses iniciais da pesquisa ora descrita, pode-se concluir que, conforme se esperava, os resultados para a antroponímia masculina são muito mais convergentes em comparação com os encontrados na pesquisa anterior. Houve 80% de convergência de nomes e de épocas, com os mesmos nomes sendo usados por modismos e ao mesmo tempo na Espanha e no Brasil. Com relação à antroponímia feminina, houve apenas 20% de convergência, resultado que confirma que há maior dinamicidade nos nomes, aumentando, assim, o repertório de antropônimos de meninas. Dessa forma, diminui a probabilidade de haver nomes em comum, independente das características culturais ou linguísticas dos países envolvidos.



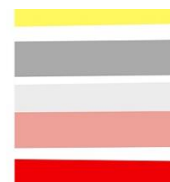
### Considerações finais

Nomear as pessoas é um ato cultural presente em toda comunidade. Atribuir nomes da moda é uma tendência presente em diferentes localidades, como pode ser observado no presente artigo em questão. Há nomes que predominam na Espanha, outros que predominam no Brasil.

Neste trabalho, inicialmente, traçou-se o objetivo deste estudo: analisar, de acordo com o viés da Antroponomástica Comparada – que verifica a comparação entre sistemas antroponímicos diferentes –, como os modismos estão presentes no repertório antroponímico em uso em dois locais diferentes: Brasil e Espanha. A hipótese de trabalho era de que locais que possuem línguas oriundas de um mesmo ramo linguístico tendem a atribuir nomes de forma semelhante.

Os resultados obtidos mostram que a norma antroponímica da Espanha converge com a brasileira nos antropônimos masculinos. Os nomes considerados da “moda”, como *Leo*, *Enzo* e *Oliver* foram atribuídos em épocas aproximadas, assim como *Adam*, *Gael* e *Luca*, tanto para a norma antroponímica da Espanha quanto para a do Brasil. O resultado aponta a convergência de 80% no uso de nomes masculinos, portanto, a proximidade de cultura e língua entre os dois países pode ser um fator que contribui para a semelhança de ambos os sistemas antroponímicos. No que se refere aos antropônimos femininos, percebe-se uma maior dinamicidade na atribuição de nomes, tais antropônimos convergiram na frequência de uso no nome *Olívia* apenas. Nomes como *Valentina* e *Cloe* foram os únicos atribuídos em épocas aproximadas para as duas localidades, enquanto os antropônimos *Alma*, *Vera* e *Olivia* foram considerados moda para ambos os países, no entanto em épocas distintas.

Esses resultados confirmam a hipótese inicial de pesquisa que previa resultados mais convergentes do que aqueles encontrados quando se comparou usos antroponímicos de prenomes masculinos no Brasil e na Lituânia. (SEIDE; PETRULIONĖ, 2018). Pode-se concluir, assim, que as pesquisas antroponomásticas se enriquecem quando incluem tanto línguas e culturas próximas quanto línguas e culturas distantes. Nessa direção, é importante que mais pesquisas sejam feitas na área para que se tenha uma visão cada vez mais abrangente dos fenômenos antroponímico em escala mundial.



Para além deste resultado principal, há outros que merecem ser destacados, a saber, os relativos às diferentes de grafia entre os nomes. Tanto para a antroponomástica feminina quanto para a masculina, há diferenças de grafia para um mesmo nome, por exemplo, *Cloe* ou *Chloe*, *Thiago* e *Tiago*. Outras pesquisas também já obtiveram o mesmo resultado: Grespan (2014) e Frai (2016), em suas pesquisas, observaram o emprego de grafias não convencionais na região oeste do Paraná, no Brasil, a partir da década de 1980.

Cumprе ressaltar que a pesquisa ora apresentada não visou investigar o porquê da escolha de determinados nomes, ou seja, o real motivo pelo qual as pessoas preferem atribuir determinados antropônimos aos filhos. Para que tal indagação fosse respondida, seriam necessárias entrevistas com os portadores dos nomes ou pais para que se possa conhecer o porquê da escolha.

## Referências

BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

FRAI, P. H. *Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense*. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em letras - área de concentração: linguagem e sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

GRESPLAN, T. *Antroponímia de Toledo – Paraná – 1954-2004: aspectos inovadores*. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.

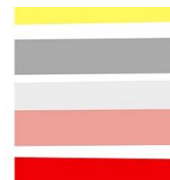
GUDURIĆ, S. Adaptation et transposition des noms propres du Français en Serbe. In: *Actes del XXIV Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex. Secció 3, 2014. p. 327-334.

HUSCHKA, D.; WAGNER, G. G. Statistical problems and solutions in onomastic research – exemplified by a comparison of given name distributions in Germany throughout the 20th Century. In: *SOEPpapers on Multidisciplinary Panel Data Research*. Berlin, n.332, 2010. p. 1-34.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Nomes do Brasil. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

JIMÉNEZ SEGURA, S. *Los modelos de atribución del nombre de pila tradicional y a partir de la moda en el municipio de Tlalnepantla de Baz, estado de México. Estudio sincrónico y diacrónico de tres calas: 1930, 1960 y 1990*. 2014. Dissertação de Mestrado – Escuela Nacional de Antropología e Historia, México, 2014.





LÓPEZ FRANCO, Y. G. Los nombres de pila en la década de 1980 en Montpellier, Francia, y en Tlalnepantla de Baz, México, bajo un enfoque socioantroponímico. In: ISQUERDO, A.N.; DAL CORNO, G.O.M. (org). *As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. VII, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. p.15- 38.

MUTSUKAWA, M. Phonological and semantic gender differences in English and Japanese given names. Els noms en la vida quotidiana. In: *Actes del XXIV Congrés Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex. Secció 3, 2014. p. 370-377.

SEIDE, M. S. *Métodos de pesquisa em antroponomástica*. Domínios de Lingu@gem, v. 10, n. 3, p. 1146-1171, 2016.

SEIDE, M. S. *Comparabilidade de corpora díspares em antroponomástica comparada*. Estação Científica (UNIFAP), Macapá, v. 7, n. 3, set./dez. 2017, p. 83-93.

SEIDE, M.S. “Moda e tradição em antroponímia”.In *As Ciências do Léxico*.Lexicologia.Lexicografia.Teminologia.v.VIII.ISQUERDO, A.N.; DAL CORNO .G.O.M.(orgs), 2018,p161-178,

SEIDE, M. S.; PETRULIONÈ, L. *Between languages and cultures: an exploratory comparative study of usage of Lithuanian and Brazilian masculine anthroponyms*. Revista Estudos Linguísticos, p.1201 - 1226, 2018.

VALVERDE, B.; ALAMEDA, D.; GÁLAN, J. *Triana, Vega o Ian: nombres que antes casi no se elegían y ahora están entre los más populares*. El País. 27 de mar de 2018. Verne. Disponível em <[https://verne.elpais.com/verne/2018/03/23/articulo/1521800285\\_335812.html](https://verne.elpais.com/verne/2018/03/23/articulo/1521800285_335812.html)> Acesso em: 11 de mar. 2019.

86

**Recebido em: 28 de maio de 2019.**

**Aprovado em: 19 de agosto de 2019.**